



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.118.A008>

Avaliação de intervenção em orientação profissional e de carreira: Uso do LAQuA com adultas/os emergentes

*Intervention assessment in career guidance and counseling: Using LAQuA with emerging
adults*

Uso del LAQuA en la evaluación de la orientación profesional con adultos emergentes

Marcelo Afonso Ribeiro
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
<http://orcid.org/0000-0002-0396-7693>
marcelopsi@usp.br

Andréa Knabem
Universidade Federal do Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-2581-8656>

Maria Celeste Couceiro Gama de Almeida
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0002-2980-5289>

Luciana Aparecida Beliomini
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0002-7007-3614>

Resumo

A avaliação de intervenção é um dos elementos principais das práticas de orientação profissional e de carreira (OPC), mas que não tem tradição no Brasil, principalmente no campo das propostas narrativas. Assim, buscamos propor uma versão brasileira do LAQuA (*Life Adaptability Qualitative Assessment*) e testar este modelo narrativo de avaliação quali-quantitativa de intervenção, apontando e discutindo suas

potencialidades. Por meio de um estudo de caso com um adulto emergente, analisamos o processo de mudança narrativa, reflexividade e reposicionamento social do orientando ao longo de um aconselhamento de carreira (AC) através da codificação proposta pelo LAQuA. Os resultados demonstraram a eficácia e a efetividade do AC avaliadas pela análise quanti e qualitativa das mudanças narrativas do orientando, identificando as trilhas e as dimensões de adaptabilidade e seus respectivos indicadores, os temas centrais e os tipos de reflexividade e de reposicionamento social coconstruídos ao longo do processo. Uma reconstrução do instrumento foi necessária para contextualização à realidade brasileira, e se mostrou pertinente com potencial para auxiliar orientadoras/es que estão trabalhando com propostas narrativas de AC, especialmente por oferecer um instrumento estruturado de avaliação de intervenção, possibilitando a aferição de sua eficácia e eficiência em termos dos objetivos postulados e dos resultados esperados com a intervenção realizada.

Palavras-chave: *avaliação; orientadores; orientação vocacional; aconselhamento; Brasil.*

Abstract

Intervention assessment is a significant element for career guidance and counseling (CGC) practices, but it does not have a tradition in Brazil, especially in field of the narrative proposals. Thus, we aim to propose a Brazilian version of LAQuA (Life Adaptability Qualitative Assessment) and test this narrative model of qualitative and quantitative intervention assessment, pointing out and discussing its potential. Through a case study with an emerging adult, we analyzed the counselee's process of narrative change, reflexivity, and social repositioning during career counseling (CC), using the coding proposed by LAQuA. The results demonstrated the efficacy and the effectiveness of the CC, assessed by the quantitative and qualitative analysis of the counselee's narrative changes, identifying the paths and dimensions of adaptability and their respective indicators, the central themes, and the types of reflexivity and social repositioning co-constructed throughout the process. A reconstruction of the instrument was necessary to contextualize it to the Brazilian reality, and it proved to be adequate with the potential to help counselors who are working with narrative CC proposals, especially as it offers a structured intervention evaluation tool. That makes it possible to measure its effectiveness and efficiency concerning the postulated objectives and the results expected from the intervention carried out.

Keywords: *assessment; counselors; vocational guidance; counseling; Brazil.*

Resumen

La evaluación de la orientación y asesoramiento de carrera (OAC) es un elemento significativo para sus prácticas, pero no tiene tradición en Brasil, especialmente en el ámbito de las propuestas narrativas. Por lo tanto, nuestro objetivo es proponer una versión brasileña de LAQuA (*Life Adaptability Qualitative Assessment*) y poner a prueba este modelo narrativo de evaluación cualitativa-cuantitativa de la intervención, señalando y discutiendo su potencial. A través de un estudio de caso con un adulto emergente, analizamos el proceso de cambio narrativo, reflexividad y reposicionamiento social del cliente durante el asesoramiento de carrera (AC), utilizando la codificación propuesta por LAQuA. Los resultados demostraron la eficacia y efectividad del AC, evaluada por el análisis cuantitativo y cualitativo de los cambios narrativos del cliente, identificando los caminos y dimensiones de adaptabilidad y sus respectivos indicadores, los temas centrales y los tipos de reflexividad y reposicionamiento social co-construidos a lo largo del proceso. Fue necesaria una reconstrucción del instrumento para contextualizarlo a la realidad brasileña, y demostró ser adecuado con potencial para ayudar a los orientadores que trabajan con propuestas narrativas de AC, especialmente porque ofrece una herramienta estructurada de evaluación de la intervención. Eso posibilita validar la medición de su eficacia en función de los objetivos postulados y de los resultados esperados de la intervención realizada.

Palabras clave: *evaluación; orientadores; orientación vocacional; aconsejar; Brasil.*

Introdução

Segundo Guichard (2022), a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) é um campo interdisciplinar, basicamente formado pela psicologia, pedagogia e sociologia. Emergiu como demanda social e do trabalho em fins do século XIX por conta da crescente especialização da organização do trabalho e da necessidade de ajustamento entre pessoa e trabalho visando o auxílio para reflexão e planejamento do futuro de trabalho e de carreira. Suas práticas foram sendo, gradativamente, propostas, desenvolvidas e reconstruídas ao longo do século XX (e.g., enfoques traço-fator, desenvolvimentista, decisional, psicodinâmico e sociocognitivo) e no início de século XXI (e.g., *life design*, TPT - Teoria da Psicologia do Trabalhar, OPC e justiça social), baseado nas lógicas e práticas vigentes em cada momento sócio-histórico. Conforme discute Ribeiro (2023a), a OPC no Brasil tem se caracterizado pela utilização frequente de enfoques psicométricos e de avaliação, sociocognitivos e psicodinâmicos, com experiências com abordagens sócio-históricas e, mais recentemente, com o *life design* e a TPT. Classicamente, a OPC oferece intervenções para adolescentes estudantes do ensino médio (15-18 anos), com menor intensidade para outros públicos, conforme aponta a revisão narrativa de Ribeiro (2023b) e os Anais do congresso brasileiro de OPC (Lassance et al., 2022), que confirmam esta tendência e indicam uma média de 12% de trabalhos com públicos distintos do verificado mais frequentemente.

Entre os vários elementos comuns formadores das práticas de OPC está a necessidade de avaliação da intervenção, como forma de aferição de sua eficácia e eficiência em termos dos objetivos postulados e dos resultados esperados com a intervenção realizada, como apontam, internacionalmente, Spokane e Nguyen (2016) e Zelloth et al. (2020), e, nacionalmente, Melo-Silva e Jacquemin (2001), Santos e Ribeiro (2021) e Silva et al. (2022). Apesar dessa importância, os estudos sobre a temática são reduzidos e concentrados em adolescentes (faixa etária de 16 a 20 anos), como sintetizaram as revisões de literatura de Santos e Ribeiro (2021) e Whiston et al. (2017). Além disso, a avaliação de intervenção em OPC não tem sido sistematicamente utilizada e investigada no Brasil, como identificaram as duas revisões de literatura existentes em âmbito nacional (Ambiel et al., 2017; Bardagi & Albanaes, 2015).

Avaliação de intervenção em OPC - Tradição internacional e experiências nacionais

Segundo Santos e Ribeiro (2021) e Silva et al. (2022), a tradição internacional em avaliação de intervenção vem desenvolvendo e testando métodos de cunho quantitativo desde

os anos 1940 com foco principal na relação processo-resultado, ora propondo a avaliação dos resultados, ora dos processos, com maior ênfase na primeira. Em geral, os modelos existentes (escalas, medidas e inventários psicométricos) propõem pré-teste e pós-teste, com parte deles realizando entrevista de seguimento (*follow-up*). As mensurações propostas estão fundamentadas na base teórico-conceitual utilizada na intervenção e nos objetivos e resultados esperados. Por exemplo, mensura-se o aumento da autoeficácia de tomada de decisão ou da adaptabilidade da carreira desenvolvida ao longo da intervenção tendo como bases, respectivamente, o enfoque sociocognitivo e o *life design*. Santos e Ribeiro (2021) e Silva et al. (2022) igualmente apontaram que, embora com frequência menor, a utilização de métodos qualitativos sempre existiu na avaliação de intervenção em OPC, principalmente por meio de entrevistas pré e pós-intervenção, reflexões diárias e depoimentos.

Com forte inspiração no giro linguístico proposto pelas ciências humanas e sociais, nas quais parte da psicologia está localizada, e que preconizam que a linguagem constitui a realidade por meio de produções discursivas e narrativas, o movimento narrativo é um dos movimentos centrais do campo da OPC no século XXI, juntamente com a TPT, a OPC e justiça social e a OPC posicionada politicamente. Entre as principais propostas do movimento narrativo em OPC estão o *life design*, o enfoque sistêmico e o enfoque socioconstrucionista, como sintetizou Ribeiro (2023a). Esse movimento criou uma maior demanda pela avaliação de intervenção qualitativa em OPC gerando, parcialmente, uma passagem das propostas psicométricas para as propostas de avaliação narrativa ao longo deste início de século XXI, com destaque para instrumentos como Resultados Inovadores de Aconselhamento de Carreira - *Career Counseling Innovative Outcomes* (CCIO; Di Fabio, 2016), Autobiografia da Futura Carreira - *Future Career Autobiography* (FCA; Rehfuss, 2009), Sistema de Codificação de Momentos Inovadores - *Innovative Moments Coding System* (IMCS; Silva et al., 2020), Recuperação de Processos Interpessoais - *Interpersonal Process Recall* (IPR; Larsen et al., 2008) e Avaliação Qualitativa da Adaptabilidade de Vida - *Life Adaptability Qualitative Assessment* (LAQuA; Di Fabio, 2015), conforme Silva et al. (2022) descreveram.

Como sublinhado por Melo-Silva e Jacquemin (2001) e demonstrado por Ambiel et al. (2017) e Bardagi e Albanaes (2015), a avaliação de intervenção não é prática frequente na OPC no Brasil, não havendo uma tradição estruturada no campo. Nas poucas experiências descritas, podemos, principalmente, citar instrumentos psicométricos, como a Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP; Neiva, 1999) e a Escala de Adaptabilidade de Carreira (EAC;

Teixeira et al., 2012), e estratégias como entrevistas abertas pós-intervenção, questionário de entrada e saída, pesquisa de satisfação ao final da OPC ou relatos escritos (Bardagi & Albanaes, 2015). Essas últimas com pouca validação científica.

Objetivos e justificativas

Visamos, assim, propor uma versão brasileira do LAQuA (Di Fabio, 2015) e experimentar e testar esse modelo narrativo de avaliação de intervenção, apontando e discutindo suas potencialidades em uma intervenção de OPC em contexto brasileiro.

Estes objetivos são justificados por três motivos principais. Primeiramente, em função da emergência da OPC narrativa no Brasil, principalmente o *life design* e as perspectivas socioconstrucionistas (Duarte et al., 2010). Em segundo lugar, pela afirmação da necessidade básica de que toda OPC deve incluir uma avaliação da intervenção para aferir sua eficácia e eficiência em termos dos objetivos postulados e dos resultados esperados com a intervenção realizada (Zelloth et al., 2020). E, por fim, da constatação da quase ausência de propostas de avaliação de intervenção da OPC nos contextos brasileiros, principalmente qualitativas e narrativas.

Nesse sentido, escolhemos como público-alvo para este estudo adultas/os emergentes que representam, aproximadamente, 18,9% da população total do Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021) e não têm sido estudadas/os com frequência no campo da OPC, com exceção para aquelas/es que cursam universidade (Lassance et al., 2022). Esse vem sendo um dos grupos mais afetados no pós-pandemia, por conta das pessoas que o compõe vivenciarem o início de suas carreiras imersas/os num contexto de inseguranças, incertezas, subempregos, intensificação do trabalho, desinformação, experiências de vulnerabilidade da vida e dificuldades de inserção no mundo do trabalho, estando sujeitas/os às transformações digitais, à crise climática, à individualização da vida e à globalização. Esse cenário as/os faz ter que se reinventar para lidar com as transformações dos mundos do trabalho, conforme evidenciaram as revisões de literatura de Ribeiro (2023b) e Vyas (2022).

Para Arnett (2016), adultas/os emergentes são jovens entre 18 a 29 anos com cinco características centrais: exploração identitária; instabilidade ao explorar diferentes possibilidades; foco em si mesmas/os com mais oportunidades de tomar decisões independentes porque têm menos compromissos de longo prazo; sensação de viver no entre, pois não se sentem

mais adolescentes, nem adultas/os ainda; e uma vida marcada por possibilidades porque, independentemente de seu status atual, acreditam que alcançarão as vidas imaginadas no futuro.

Apresentação e fundamentação do LAQuA

O LAQuA é um instrumento construído por Di Fabio (2015) que busca avaliar a efetividade do *life design*, como uma das propostas de aconselhamento de carreira (AC) narrativo contemporâneo - produto do giro linguístico na OPC. Esse movimento tem como base a psicologia narrativa que, segundo Crossley (2002), preconiza o papel central da linguagem e das histórias no processo de construção de si, sendo a narrativa um princípio organizador da vida humana ao possibilitar a unidade e a integração das experiências da vida cotidiana e a articulação da linguagem aos processos psicológicos. É uma maneira de produzir sentidos para as suas experiências de vida e construir identidades no interior das relações sociais.

Os três principais processos para a psicologia narrativa são contar histórias, produzir sentidos e construir identidades. Significados são construções elaboradas coletivamente em dado contexto sócio-histórico, enquanto os sentidos são produções pessoais decorrentes da reconstrução individual dos significados coletivos nas experiências cotidianas. Construção, por sua vez, é a palavra-chave, sendo definida, como um processo de formação e organização de algo, dando-lhe estrutura e sendo, simultaneamente, ação, processo e resultado de construir.

Segundo Duarte et al. (2010), o *life design*, como proposta narrativa, define carreira como coconstrução narrativa da trajetória de vida com senso de identidade na relação com outras/os e com o mundo social e do trabalho. A OPC deve “concentrar-se no significado elaborado através do processo interacional de construção de suas vidas” (p. 401), favorecendo a articulação de intenções e antecipações de possíveis projetos no futuro por meio de um modelo geral que visa *construir* a carreira através de pequenas histórias, *desconstruir* essas pequenas histórias, *reconstruí-las* numa grande história e *coconstruir* o próximo episódio de vida.

Nessa proposta, uma pessoa irá buscar uma OPC em situações de dificuldade de construção narrativa, o que configuraria uma crise de carreira, entendida como consequência de construção problemática de sentidos geradoras de narrativas saturadas, na qual há uma rigidez e dificuldade de compreensão de significados e discursos sociais e de produção de sentidos. Isso tende a restringir mudanças e possibilidades de construção de si e de suas carreiras. Segundo Silva et al. (2020), mudanças podem acontecer quando fissuras e rupturas narrativas ocorrem, permitindo questionamentos das narrativas saturadas e dos discursos sociais

dominantes que foram base para sua construção e a coconstrução de novas formas narrativas. Narrabilidade, adaptabilidade e reflexividade são constructos base do *life design* e do LAQuA.

A *narrabilidade* é a capacidade relacional de narrar sua história de vida de trabalho com senso de identidade para si e significado para outras/os, fazendo com que ela seja legitimada como carreira, pois enquanto fala, a pessoa entra em contato consigo mesma (Duarte et al., 2010).

A *adaptabilidade* pode ser definida como prontidão para lidar com ajustes previsíveis e imprevisíveis no trabalho, nas condições de trabalho e nas trajetórias de carreira. Permite que as pessoas lidem com as constantes interpelações do mundo do trabalho, sendo um processo de regulação que modera a relação das pessoas com os contextos por meio das formas que se conectam às suas comunidades e constroem suas carreiras (Savickas & Porfeli, 2012). Para Duarte et al. (2010), o sucesso desse processo está baseado na possibilidade de dispor das quatro dimensões da adaptabilidade descritas por Savickas e Porfeli (2012): preocupação (*concern*), controle (*control*), curiosidade (*curiosity*) e confiança (*confidence*), conforme tradução proposta por Teixeira et al. (2012).

Segundo Savickas e Porfeli (2012), a *preocupação* é a forma como nos orientamos para nosso próprio futuro e expressa competência para planejar, analisando criticamente sua situação presente com base na experiência passada e atual, e de projetar possíveis futuros. O *controle* diz quanto uma pessoa se sente responsável e capaz de determinar a construção de sua própria carreira, ou seja, a capacidade de tomar decisões autônomas. A *curiosidade* é a capacidade particular de explorar as diversas oportunidades de trabalho e de vida geradas nos contextos relacionais. E a *confiança* se refere à segurança para poder buscar a sua própria aspiração e objetivos de trabalho e de vida, mesmo diante de obstáculos e barreiras da carreira.

A *reflexividade* parte da reflexão, mas se difere dela. Enquanto a reflexão, como fator de estabilidade, promove um pensar sobre ou uma autoconsciência (possibilidade de escolhas a partir de posições existentes), a reflexividade, como fator de mudança, envolve autoconsciência mais agência dentro dessa autoconsciência, fluindo para a intenção. Isso leva à tomada de decisões com autoconsciência e a ação com sentidos pessoais possibilitando escolhas a partir de novas perspectivas e a mudança de si mesma/o de alguma forma.

Reflexividade significa um processo de interpretação dialógica do eu no qual as pessoas colocam em ação sua capacidade de criar e definir novas perspectivas quando confrontadas com situações de transição, sendo recurso central para que as pessoas determinem o que a vida

significa para elas, engajando-se em um processo contínuo e cambiante para sua construção (Bangali & Guichard, 2012).

Tanto o modelo original do LAQuA, como a sua base conceitual, foram elaborados e propostos em contextos de países desenvolvidos, o que é distinto de grande parte dos contextos brasileiros, marcados pela desigualdade socioeconômica e cultural. Assim, como discutido em Guichard (2022) e Hooley et al. (2021), mudanças narrativas são importantes resultados de uma intervenção em OPC. No entanto, isso ainda é insuficiente para populações com restrições e barreiras socioeconômicas severas. Por conta disto, incluímos um quarto constructo nomeado de *reposicionamento social* para avaliar a efetividade da intervenção em OPC e as mudanças geradas com base nas propostas de Hooley et al. (2021), Sultana (2023) e Winslade (2005). A reflexividade e a adaptabilidade são dimensões psicossociais e narrativas de mudanças, enquanto o reposicionamento social seria uma dimensão objetiva e concreta para tal.

O reposicionamento social acontece por meio de reposicionamento discursivo (Winslade, 2005), gerando o enfrentamento ou transcendência de barreiras, o que demanda uma ação articulada entre a/o orientanda/o e as pessoas e recursos disponíveis de seus contextos socioculturais. Como recomendam Hooley et al. (2021), as principais estratégias para que esse objetivo possa ser alcançado são construir consciência crítica, nomear as opressões, questionar o que é normal, encorajar pessoas a trabalharem juntas e trabalhar em vários níveis.

Para Winslade (2005), o reposicionamento discursivo permitiria que as pessoas entendessem sua própria posição social e os discursos sociais dominantes que moldam seus conceitos e práticas, articulando-os. Define-se como processos sucessivos de decomposição de uma posição nos discursos sociais para um reposicionamento dentro deles, promovendo maior capacidade de negociação nas relações sociais e de construção de si no mundo.

Assim, visamos propor uma versão brasileira do LAQuA e experimentar e testar um modelo narrativo de avaliação de intervenção, apontando e discutindo suas potencialidades em uma intervenção de OPC em contexto brasileiro.

Método

Nesta pesquisa, usamos uma abordagem mista (quantitativa-qualitativa) devido à natureza exploratória da pesquisa, por meio de um estudo de caso, definido como um estudo extenso sobre uma pessoa, um fenômeno social ou uma estratégia para entender completamente o fenômeno analisado e avaliar suas possibilidades (por exemplo, para testar uma intervenção

inovadora ou uma estratégia dentro de uma intervenção mais ampla – situação do presente estudo), como afirmaram Stead et al. (2012). Nesse sentido, um estudo de caso parece ser um método interessante para avaliar a eficácia e a eficiência do LAQuA como instrumento de avaliação de intervenção em OPC em contexto brasileiro. Analisamos, assim, o processo de mudança narrativa, reflexividade e reposicionamento social ao longo de um AC realizado em um serviço universitário de OPC com um adulto emergente. Codificamos todo processo de AC baseado na proposta do LAQuA, identificando as trilhas e dimensões de adaptabilidade e seus respectivos indicadores, os temas centrais e os tipos de reflexividade e reposicionamento social coconstruídos durante esse processo. Destacamos que o caso único não valida um instrumento, por conta disso que nosso objetivo foi experimentar e testar um modelo narrativo de avaliação de intervenção, apontando e discutindo suas potencialidades em uma intervenção de OPC em contexto brasileiro e propor uma versão brasileira preliminar do LAQuA (Di Fabio, 2015) a ser reformulada após novas utilizações do instrumento em novos e diversos casos.

Participantes

Orientando

João, nome fictício para garantia do anonimato, é um homem branco de 27 anos, portanto, um adulto emergente, com formação superior, classe média, que trabalha como professor em uma escola e está participando de um processo seletivo para atuar como auxiliar de ensino em uma universidade no momento do AC. Na ficha de inscrição para ser atendido em um serviço universitário de OPC, preenche o campo que solicitava o motivo de sua procura por um AC da seguinte maneira:

Tenho percebido uma dificuldade minha em me organizar com carreira, em especial com meus objetivos de longo prazo. Ainda não estou próximo da independência financeira. Recentemente percebi que quero realizar uma mudança de foco. Sinto necessidade de ajuda profissional para me ajudar a separar o que é de curto e o que é de longo prazo e como adequar minha semana para focar no meu objetivo sem perder de vista minha necessidade de conseguir trabalhos.

Orientadora

O AC foi realizado por uma orientadora com experiência e treinamento na estratégia utilizada. Ela é uma mulher branca de 64 anos, de classe média, com diploma universitário, que trabalha em um serviço universitário de OPC.

Equipe de pesquisadoras/es

O caso foi codificado de forma completa e independente por quatro pesquisadoras/es com conhecimento do LAQuA. A primeira codificadora (segunda autora) tem pós-doutorado em psicologia social e do trabalho e vem trabalhando em pesquisas sobre OPC há mais de 20 anos. A segunda e a terceira codificadoras (terceira e quarta autoras) são mestras em psicologia social com dissertações na área de OPC e têm trabalhado como orientadoras de carreira nos últimos 30 anos. O quarto codificador (primeiro autor), professor de OPC, trabalhou como coordenador e auditor durante todo o processo de codificação. Antes do AC, toda equipe fez um grupo de estudos sobre o LAQuA para compreensão aprofundada da base conceitual e do instrumento, com consultas ocasionais à autora do instrumento para esclarecimentos adicionais.

Instrumento

De maneira independente, traduzimos e adaptamos todos os elementos constituintes do LAQuA de sua versão original em inglês para o português, uma vez que não havia versão brasileira. As versões de cada elemento foram analisadas em conjunto pelas/os autoras/es e escolhemos a melhor tradução por consenso. Em seguida, um tradutor independente traduziu novamente para o inglês cada elemento do instrumento. As duas versões em inglês (original e tradução reversa) foram então comparadas por uma juíza independente de língua inglesa que considerou que todos os itens tinham o mesmo significado. Realizamos ajustes mínimos na redação dos elementos traduzidos para torná-los mais adequados ao contexto cultural brasileiro. A tradução dos elementos do LAQuA cumpriu o nosso primeiro objetivo de propor uma versão brasileira do instrumento de avaliação de intervenção em OPC renomeado como AQuARRS (Avaliação Quali-Quanti da Adaptabilidade, Reflexividade e Reposicionamento Social). Incluímos a reflexividade na nomeação, pois esse elemento é tão central quanto a adaptabilidade na avaliação da intervenção, assim como o reposicionamento social – nossa proposta de inovação.

Construído para avaliar a efetividade do AC proposto pelo *life design*, o LAQuA (ou AQuARRS, nomeação que utilizaremos a partir dos Resultados) pode ser concebido como uma metodologia qualitativa e quantitativa de mudança narrativa pautada na adaptabilidade e reflexividade (e no reposicionamento social, como aqui proposto). Segundo Di Fabio (2015), o objetivo do instrumento é “avaliar qualitativamente a mudança ou sua ausência na narrativa de

vida de um indivíduo ao longo do tempo, de acordo com a Teoria da Narrativa” (p. 47), ou seja, a possibilidade da reflexividade ser colocada em ação. O LAQuA propõe um sistema de codificação baseado em cinco categorias de mudança de análise qualitativa, o qual irá acompanhar o processo de construção narrativa ao longo da OPC e contrastar o antes (Pré-OPC) e o depois (Pós-OPC - resultados da intervenção), analisando o durante (processo de intervenção), focado, assim, na relação processo-resultado. Apesar dessa caracterização como instrumento qualitativo proposta por Di Fabio (2015), o LAQuA tem uma mensuração inicial das dimensões e indicadores da adaptabilidade e dos temas centrais coconstruídos ao longo do processo de AC. Por isso, preferimos defini-lo como misto (quali-quantitativo) diferentemente da autora, ressaltando que a parte qualitativa é a que tem maior ênfase na análise.

A narrabilidade, então, promove a adaptabilidade e a reflexividade, deixando claro que a adaptação ao existente é uma possibilidade, pois, muitas vezes, uma mudança se faz necessária, momento em que a reflexividade deve acontecer, gerando mudanças narrativas e/ou de reposicionamento social. Assim, adaptabilidade, reflexividade e reposicionamento social são as categorias de análise propostas.

Adaptabilidade

A primeira categoria avaliada é a adaptabilidade, da qual identificamos quatro dimensões descritas por Savickas e Porfeli (2012): preocupação, controle, curiosidade e confiança. O LAQuA propõe três perguntas escritas e seis indicadores qualitativos para cada dimensão, num total de 12 perguntas e 24 indicadores qualitativos. Na Tabela 1, definimos cada dimensão com uma palavra-chave, apresentando as três perguntas escritas propostas por Di Fabio (2015), bem como a questão central da dimensão e a competência geral associada.

Tabela 1

Adaptabilidade: Definição das Dimensões

Dimensão da Adaptabilidade	Definição (Palavra-chave)	Três Perguntas Escritas (Di Fabio, 2015, p. 48)	Questão Central	Competência Geral Associada
Preocupação	Significado da percepção e projeção do futuro (PLANEJAMENTO)	O que significa para você estar orientada/o para o futuro? Se percebe, ou não, projetando seu futuro? Por quê?	Eu tenho um futuro?	Competência de planejamento

Controle	Significado da percepção sobre a responsabilidade sobre o futuro (RESPONSABILIZAÇÃO)	O que significa para você assumir a responsabilidade pelo seu futuro? Se percebe, ou não, assumindo a responsabilidade pelo seu futuro? Por quê?	Quem tem controle sobre meu futuro?	Competência de ser responsável sobre sua vida e suas escolhas
Curiosidade	Significado do interesse sobre futuro (EXPLORAÇÃO)	O que significa para você ter curiosidade sobre seu próprio futuro? Se percebe, ou não, interessada/o sobre seu futuro? Por quê?	O que eu farei do meu futuro?	Competência de exploração
Confiança	Significado da segurança sobre o futuro (CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO)	O que significa para você ter confiança em suas próprias habilidades? Se percebe, ou não, confiante para construir seu futuro? Por quê?	Posso fazer isto?	Competência de resolução de problemas

Apresentamos na Tabela 2, os 24 indicadores qualitativos correspondentes a cada dimensão propostos por Di Fabio (2015), sendo seis em cada uma delas, bem como os itens da EAC, que são base para a construção destes indicadores (tradução de Teixeira et al., 2012).

Tabela 2

Indicadores Qualitativos Correspondentes a cada Dimensão

Dimensão	Indicadores Qualitativos	Itens Correspondentes da EAC (Teixeira et al., 2012, p. 685)
Preocupação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Antecipando (<i>anticipating</i>) 2. Prevendo (<i>predicting</i>) 3. Instrumentando (<i>equipping</i>) 4. Engajada/o (<i>involved</i>) 5. Estratégica/o (<i>strategic</i>) 6. Ciente das escolhas e transições a serem feitas (<i>aware of choices and transitions to be made</i>) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Refletir sobre como vai ser o meu futuro 2. Perceber que meu futuro depende das escolhas de hoje 3. Preparar-me para o futuro 4. Tomar consciência das escolhas educacionais e profissionais que tenho de fazer 5. Planejar como alcançar os meus objetivos 6. Estar preocupada/o com a minha carreira
Controle	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atitude positiva (<i>positive attitude</i>) 2. Autônoma/o (<i>autonomous</i>) 3. Consciente/o (<i>conscientious</i>) 4. Assertivo (<i>assertive</i>) 5. Responsável (<i>responsible</i>) 6. Honesto (<i>honest</i>) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Manter-me otimista 2. Tomar decisões por mim mesma/o 3. Assumir a responsabilidade pelo que faço 4. Defender as minhas convicções 5. Agir com autonomia 6. Fazer o que está certo para mim
Curiosidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Investigativo (<i>investigative</i>) 2. Em desenvolvimento/em processo (<i>developing</i>) 3. Explorador (<i>inquisitive</i>) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Explorar o ambiente à minha volta 2. Procurar oportunidades para me desenvolver como pessoa 3. Explorar alternativas antes de fazer uma escolha 4. Estar atenta/o às diferentes maneiras de fazer as coisas

	4. Reconhecendo/Descobrimdo (<i>recognizing/discovering</i>)	5. Analisar de forma aprofundada questões que me dizem respeito
	5. Questionador (<i>inquiring</i>)	6. Ser curiosa/o sobre novas oportunidades
	6. Em busca (<i>searching for</i>)	
Confiança	1. Produtiva/o (<i>productive</i>)	1. Realizar tarefas de forma eficiente
	2. Concentrada/o (<i>mindful</i>)	2. Ser responsável e fazer as coisas bem
	3. Inovativa/o (<i>innovative</i>)	3. Desenvolver novas habilidades
	4. Capaz (<i>capable</i>)	4. Dar sempre o meu melhor
	5. Resiliente (<i>resilient</i>)	5. Superar obstáculos
	6. Capaz de dar/elaborar respostas (<i>able to work out answers</i>)	6. Resolver problemas

Reflexividade

A segunda categoria avaliada é a reflexividade, que como definimos, atua em conjunto com a reflexão, processo através do qual as pessoas aprendem sobre si mesmas e podem mudar. Por meio do processo de reflexividade, orientandas/os em uma intervenção de OPC conseguem identificar o que mudou em suas narrativas como resultado da intervenção e quais elementos haviam determinado essas mudanças (Di Fabio, 2015). Assim, com base na revisão de literatura proposta por Santos e Ribeiro (2021), caracterizamos o LAQuA como uma avaliação de intervenção em OPC focada na relação processo-resultado. A Tabela 3 apresenta os cinco tipos de mudanças associadas à reflexividade.

Tabela 3

Definição dos Tipos de Mudanças Associadas à Reflexividade

Tipos de Mudanças	Definição (Di Fabio, 2015, p. 51)	
Reflexividade aumentada (<i>Increased reflexivity</i>)	Tipo I Existência de reflexão baseada em um indicador de uma dimensão e aumento processual desta reflexão com mudança narrativa	Tipo II Não havia reflexão baseada em um indicador numa dimensão e ela emerge
Reflexividade revisada (<i>Revised reflexivity</i>)	Desaparecimento de algum/s indicador/es e o surgimento de algum/uns indicador/es novo/s permitindo um novo olhar sobre um ângulo de uma dimensão específica	
Reflexividade aberta (<i>Open reflexivity</i>)	Existência e manutenção de reflexão baseada em um indicador de uma dimensão ao longo do processo com o mesmo nível de reflexividade, mas com o acréscimo de um indicador que permitirá maior consciência daquela dimensão	
Reflexividade aprimorada (<i>Enhanced reflexivity</i>)	Existência de reflexão baseada em um indicador de uma dimensão e aprofundamento processual desta reflexão com mudança	

narrativa, e com o acréscimo de novos indicadores que permitirá maior consciência daquela dimensão

Nenhuma mudança
(No change)

Tipo I
Existência de reflexão baseada em um indicador de uma dimensão e manutenção do mesmo nível de reflexividade

Tipo II
Ausência de reflexão e reflexividade

Reposicionamento social

A terceira categoria avaliada é o reposicionamento social, sendo seu principal critério de avaliação o reposicionamento discursivo gerado ao longo da AC, identificado a partir de mudanças socioculturais concretas narradas pelas/os orientandas/os durante a intervenção. Por exemplo, jovens que vão morar sozinhas/os, adultas/os que começam a questionar suas condições de trabalho, pessoas que repensam suas posições de gênero, entre outras resultantes.

Intervenção

O AC foi realizado individualmente em dez sessões de uma hora aproximadamente com sessões de acompanhamento. Baseamos o AC na construção de narrativas, na identificação de discursos sociais nessas narrativas, na desconstrução das narrativas e dos discursos sociais e na reconstrução narrativa, conforme proposto pelo *life design* e pelo AC socioconstrucionista (Duarte et al., 2010), com desenvolvimento e coconstrução de adaptabilidade e reflexividade (Di Fabio, 2015), e reposicionamento social (Hooley et al., 2021; Sultana, 2023; Winslade, 2005). As principais ferramentas foram: coconstrução narrativa e de projetos, produção de sentidos e reflexão comunitária, que visavam ajudar a expandir o diálogo, negociar significados e integrar diferenças, resultando em mudanças narrativas e reposicionamentos sociais.

Procedimentos

Cada membra/o da equipe analisou o caso independentemente, sessão a sessão, nas quais identificamos os temas centrais, as dimensões da adaptabilidade e seus respectivos indicadores coconstruídos ao longo das dez sessões do processo de AC. A cada sessão analisada individualmente, havia um momento de compartilhamento da análise feita e discussão dos resultados visando chegar a um consenso. A partir desse consenso, geramos trilhas de construção dos temas de carreira, dimensões da adaptabilidade e seus respectivos indicadores associados. Após esse procedimento, identificamos as trilhas de construção da reflexividade ao

longo do processo e realizamos uma síntese quali-quantitativa das coconstruções narrativas produzidas. E, por último, avaliamos a potencialidade do LAQuA como instrumento de avaliação de intervenção em OPC. Para a realização deste estudo, a proposta foi aprovada pelo Comitê de Ética Institucional (CAAE 60133222.7.0000.5561) e o participante forneceu o consentimento informado por escrito.

Análise de dados

Com base no LAQuA, avaliamos a eficácia do AC pela análise das mudanças na narrativa pessoal pautada na adaptabilidade, na reflexividade e no reposicionamento social. Como descrito, codificamos o caso de forma completa e independente por quatro pesquisadoras/es com conhecimento do LAQuA, chegando em um consenso final a respeito da análise feita. Não iremos apresentar todo o caso, mas fazer análises que apontem mudanças realizadas ao longo do processo a partir do proposto pelo LAQuA. Nesse sentido, realizamos cinco sistematizações analíticas: três quantitativas e duas processuais qualitativas. São elas: (1) Sistematização e quantificação dos temas de carreira (análise quantitativa 1); (2) Sistematização e quantificação das dimensões da adaptabilidade para identificar o foco principal da demanda do orientando associado à quantificação dos indicadores de cada dimensão com apresentação dos que mais foram coconstruídos na relação orientadora-orientando (análise quantitativa 2); (3) Quantificação das dimensões ao longo das sessões (análise quantitativa 3); (4) Trilhas de coconstrução dos temas de carreira, das dimensões associadas às competências gerais de carreira e dos indicadores (análise processual qualitativa 1); e (5) Associação dos temas centrais e das dimensões e respectivos indicadores com o processo de coconstrução da reflexividade e do reposicionamento social ao longo do AC (análise processual qualitativa 2).

Resultados

Análise quantitativa 1: Sistematização e quantificação dos temas de carreira

Identificamos seis temas centrais de carreira coconstruídos ao longo do processo de AC. Dois deles são frequentes no AC e quatro temas são mais específicos da vida do orientando analisado. O *n* corresponde ao número de sessões em que cada tema de carreira foi coconstruído e trabalhado no AC (Tabela 4).

Tabela 4

Temas Centrais de Carreira

Temas Centrais de Carreira	N (%)	Sessões nas quais o Tema foi Coconstruído
Temas Comuns		
Autoconhecimento – Identidade/Relações	7 (70%)	1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 4 ^a , 5 ^a , 6 ^a , 7 ^a
Carreira – Concepção/Planejamento	6 (60%)	1 ^a , 2 ^a , 5 ^a , 6 ^a , 8 ^a , 10 ^a
Temas Específicos		
Heteronomia-Autonomia/Autonomia-Heteronomia	5 (50%)	2 ^a , 3 ^a / 6 ^a , 7 ^a , 9 ^a
Construção relacional – Confiança/Segurança	5 (50%)	3 ^a , 4 ^a , 8 ^a , 9 ^a , 10 ^a
Adaptação	4 (40%)	5 ^a , 8 ^a , 9 ^a , 10 ^a
Relações de trabalho	3 (30%)	4 ^a , 9 ^a , 10 ^a
Conquista – Movimento/Mudança	2 (20%)	6 ^a , 7 ^a

Construímos a nomeação de cada tema por meio de consenso entre a equipe de pesquisadoras/es. Podemos ver que os temas centrais frequentes foram temas que costumam ser comuns no AC (autoconhecimento - identidade/relações e carreira - concepção/planejamento), seguidos dos temas específicos (heteronomia-autonomia/autonomia-heteronomia, construção relacional - confiança/segurança e adaptação), que, como veremos adiante, configuravam os principais motivos para crise de carreira de João e bases da construção de suas narrativas problemáticas ou saturadas.

Análise quantitativa 2: Sistematização e quantificação das dimensões da adaptabilidade e de seus respectivos indicadores

Nessa seção, sistematizamos e quantificamos as dimensões da adaptabilidade para identificar o foco principal da demanda de João associado a quantificação dos indicadores de cada dimensão com apresentação dos que mais foram coconstruídos na relação orientadora-orientando. Podemos perceber que *controle* e *curiosidade* foram as dimensões da adaptabilidade que mais foram coconstruídas ao longo do AC, 108 e 102 vezes, respectivamente, indicando que as *competências de responsabilização e exploração* eram as principais a serem desenvolvidas para superar a crise de carreira existente.

Entre os indicadores mais frequentes, vinculado, por um lado, a sua necessidade de *exploração* (tema central do *autoconhecimento – identidade/relações*), estão *reconhecendo/descobrimo* que foi o que mais foi coconstruído (61 vezes) indicando que João necessitava desenvolver a necessidade de “estar atenta/o às diferentes maneiras de fazer as coisas”, seguido de *em desenvolvimento/em processo* (31 vezes), caracterizando sua “procura

por oportunidades para se desenvolver como pessoa” - ambos associados a dimensão da adaptabilidade de *curiosidade*. Por outro lado, *falta de controle* (30 vezes) e *falta de confiança* (15 vezes), respectivamente associados às dimensões da adaptabilidade de *controle* e *confiança*, denotavam a pouca *responsabilização* e *capacidade de realização* de João, que estavam ligados ao tema central da *heteronomia* que governava sua vida.

Os indicadores *Assertivo* (20 vezes), *consciencioso* (18 vezes) e *atitude positiva* (15 vezes), associados à dimensão da adaptabilidade de *controle*, e *estratégico* (18 vezes), associado a dimensão da adaptabilidade de *preocupação*, demonstravam a mudança narrativa realizada por João com maior responsabilização sobre a vida (mudança do tema central de carreira da *heteronomia-autonomia* para *autonomia-heteronomia* com *construção relacional pautada na confiança/segurança*) e *planejamento* (tema central da *concepção/planejamento de carreira*), indicando maior capacidade de *adaptação e conquista – movimento/mudança* – temas centrais de carreira coconstruídos ao final do processo de AC. A Tabela 5 apresenta as dimensões da adaptabilidade e seus respectivos indicadores frequentes ao longo do processo de AC.

Tabela 5

Dimensões da Adaptabilidade e seus Respectivos Indicadores Frequentes no AC

Palavra-chave e Questão Central	Dimensões (n)	Indicadores Frequentes no AC (n)
Responsabilização Quem tem controle sobre meu futuro?	Controle (108)	Falta de controle (30) Assertivo (20) Consciencioso (18) Atitude positiva (15)
Exploração O que eu farei do meu futuro?	Curiosidade (102)	Reconhecendo/descobrimo (61) Em desenvolvimento/em processo (31)
Planejamento Eu tenho um futuro?	Preocupação (40)	Estratégico (18) Antecipando (7) Ciente (das escolhas e transições a serem feitas) (7)
Capacidade de realização Posso fazer isto?	Confiança (32)	Falta de confiança (15) Capaz (9)

Análise quantitativa 3: Quantificação das dimensões por sessão

Ao sistematizar a análise das dimensões nas sessões, identificamos uma igualdade na coconstrução das dimensões nas primeiras sessões (1ª a 5ª), com leve prevalência da

curiosidade, mas que tem um pico da coconstrução do controle na 6ª sessão. Curiosidade e controle vão se intercalando como principais dimensões daí por diante.

Demandas – Preocupação (2) e Curiosidade (1)

1ª sessão – Preocupação (5), Curiosidade (4) e Controle (4)

2ª sessão – Curiosidade (10), Controle (5) e Preocupação (4)

3ª sessão – Confiança (9), Curiosidade (8) e Controle (6)

4ª sessão – Curiosidade (11), Confiança (11), Preocupação (6) e Controle (5)

5ª sessão – Curiosidade (11), Controle (10) e Preocupação (4)

6ª sessão – Controle (24) e Curiosidade (14)

7ª sessão – Curiosidade (12) e Controle (12)

8ª sessão – Curiosidade (14) e Controle (10)

9ª sessão – Controle (16) e Curiosidade (10)

10ª sessão – Controle (16) e Curiosidade (7)

Análise processual qualitativa 1: Trilhas de coconstrução dos temas de carreira, das dimensões associadas às competências gerais de carreira relacionadas e dos indicadores

Apresentaremos, a seguir, a trilha de coconstrução dos temas de carreira, das dimensões associadas às competências gerais de carreira relacionadas e dos indicadores, localizando-os sessão a sessão e definindo um tema geral para cada uma. Esses resultados visam oferecer elementos para análise do processo de mudança narrativa de João de maneira objetiva e sistemática por meio do método proposto pelo AQuARRS, sempre por meio de consenso entre as/os pesquisadoras/es. Precedemos cada análise feita com uma breve vinheta para ilustrá-la.

Demandas

“Sinto necessidade de ajuda profissional para me ajudar a separar o que é de curto e o que é de longo prazo”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (preocupação), competência (planejamento) e indicador (estratégico).

“Tenho percebido uma dificuldade em me organizar com carreira, em especial com meus objetivos de longo prazo”: Tema (carreira - concepção/planejamento), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrendo).

1ª Sessão – Autoconhecimento, dúvidas, projetos iniciais - exploração

“Quero duas coisas que para mim são muito importantes: Aprender a administrar coisas que vem - Quem sou eu e aprender a encontrar meu lugar profissional com equilíbrio... Não tenho estratégia para a carreira”: Tema (carreira - concepção/planejamento), dimensão (preocupação), competência (planejamento) e indicadores (antecipando e estratégico).

“Não consigo determinar quem sou eu. Até onde sou eu? Quem sou eu profissional?”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrimdo).

“Menino - cerca de madeira - limites da minha vida. Só uma linha, não demarca dentro e fora”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (falta de responsabilização e autonomia).

Na primeira sessão, João diz que está realizando um processo seletivo para trabalhar num local que tinha muito interesse e que o obrigaria a mudar de cidade e ir morar sozinho.

2ª Sessão – Despertar para si e seu momento atual, reflexões e questionamentos pessoais e profissionais, início do planejamento para construção de sua carreira

“Fiz muitas reflexões mesmo, tanto no sentido pessoal como profissional. Eu nunca tinha pensado no momento vivido”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrimdo).

“Não tenho acesso e controle do meu cercadinho. Quais são meus limites?”: Tema (heteronomia-autonomia), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (falta de responsabilização e autonomia).

“Eu gosto do ambiente acadêmico”: Tema (carreira - concepção/planejamento), dimensão (preocupação), competência (planejamento) e indicador (estratégico).

3ª Sessão – Percebendo e reconhecendo sua formação identitária, seus valores e fraquezas

“Que goste de mim por quem eu sou”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações e construção relacional - segurança/confiança), dimensão (confiança), competência (realização) e indicador (falta de capacidade de realização).

“O que eu quero? Boa pergunta. O que faz sentido para mim? Não sei”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (em desenvolvimento/em processo).

“*Tirando o cercadinho, o que não quero e reter o que é meu*”: Tema (heteronomia-autonomia), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (falta de responsabilização e autonomia).

4ª Sessão – Se descobrindo, se deparando com ambivalências pessoais e profissionais

“*Alguém tentando juntar as peças de um quebra-cabeça... É difícil*”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrimdo).

“*Eu não tenho sonho de uma carreira*”: Tema (relações de trabalho), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrimdo).

“*Lá é muito difícil. Tenho que lidar com outra realidade muito diferente da minha*”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (confiança), competência (realização) e indicador (falta de capacidade de realização).

“*Preciso mudar a arquitetura do meu cercado*”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (preocupação), competência (planejamento) e indicador (estratégico).

“*Fica difícil conviver. É tudo muito diferente, são outros limites*”: Tema (construção relacional - segurança/confiança), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (falta de responsabilização e autonomia).

5ª Sessão – Autorretrato: iniciando a construção de seus projetos pessoais e profissionais

“*Esse é o meu cercadinho. Muita coisa ali dentro, mas tem uma abertura, um fluxo*”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrimdo).

“*É preciso espaço para realizar as potencialidades da pessoa*”: Tema (adaptação), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (assertivo).

“*E para onde estou querendo ir. Vou conhecer pessoas novas*”: Tema (carreira - concepção/planejamento), dimensão (preocupação), competência (planejamento) e indicador (prevendo).

6ª Sessão – Histórias de vida: experiências e autoconhecimento, início do planejamento de vida e carreira

“Depois sai de novo para o externo”: Tema (conquista - movimento/mudança), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (assertivo).

“Sei de algumas coisas. Parece que não consigo me acessar. Só algumas coisas, não todas. O meu sonho profissional é não ter um sonho”: Tema (autonomia-heteronomia e carreira - concepção/planejamento), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (falta de responsabilização e autonomia).

“Eu precisava entender e viver o interno e externo... Precisava entender como era a relação com o outro, precisava me reconhecer como pessoa, isso para mim hoje é fundamental”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrimdo).

7ª Sessão – Mudança na narrativa, novos posicionamentos em relação aos vínculos

“Estou me sentindo pela primeira vez seguro numa relação. Preciso aumentar isso para outras agora”: Tema (autoconhecimento - identidade/relações), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (reconhecendo/descobrimdo).

“Um lado meu sabe se relacionar, o outro não. Desconheço como fazer. Preciso melhorar isso”: Tema (autonomia-heteronomia), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (falta de responsabilização e autonomia).

“Estou sendo mais autêntico, mas para mim é difícil”: Tema (conquista - movimento/mudança), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (atitude positiva).

8ª Sessão – Novas experiências, confiança e planos

João relata que começou a trabalhar no emprego novo que queria muito.

“Onde buscar minha segurança? Posso ser eu mesmo. O que era um grande desafio para mim. Me sinto seguro”: Tema (construção relacional - segurança/confiança), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (em desenvolvimento/em processo).

“Posso falar o que quero a médio e longo prazo? Já andei pensando”: Tema (carreira - concepção/planejamento), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (em desenvolvimento/em processo).

“*Tudo novo, mas tenho familiaridade com muita coisa*”: Tema (adaptação), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (consciosos).

9ª Sessão – Vivências e compreensão da construção de novos relacionamentos

“*Me sinto bem, tranquilo, é bom fazer o que a gente gosta e acredita*”: Tema (construção relacional - segurança/confiança), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (atitude positiva).

“*Me senti muito à vontade. Muito mesmo e fui falando.... Falando dos erros que eu percebia, dos problemas*”: Tema (autonomia-heteronomia), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (autônomo).

“*Fui verdadeiro, e quis valorizar o trabalho dele, estava mesmo muito bom*”: Tema (relações de trabalho e adaptação), dimensão (curiosidade), competência (exploração) e indicador (em desenvolvimento/em processo).

10ª Sessão – Iniciando a nova trajetória profissional, novos conhecimentos, relacionamentos, planos e se deparando com a confiança

“*Estou bem, está tudo muito bom. Entendi como funciona. Estou percebendo o ambiente de trabalho*”: Tema (relações de trabalho e adaptação), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (assertivo).

“*Estou aprendendo a lidar com a dinâmica dele*”: Tema (construção relacional - segurança/confiança), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (assertivo).

“*Sei bem o que quero, e estou feliz de estar onde estou. Sei que tenho um caminho para seguir agora*”: Tema (carreira - concepção/planejamento), dimensão (controle), competência (responsabilização) e indicador (atitude positiva).

Análise processual qualitativa 2: Trilhas de construção da reflexividade

Elaboramos as trilhas de construção da reflexividade a partir dos temas centrais e das dimensões, indicando o período em que ocorreu essa construção e o processo de transformação dos indicadores que denotam as mudanças narrativas e de reposicionamento social de João.

Trilha de planejamento (dimensão preocupação) com reflexividade aprimorada

Focada no tema da *carreira – concepção/planejamento*, a trilha do planejamento foi coconstruída das demandas trazidas por João até a 5ª sessão resultando num processo de *reflexividade aprimorada*, no qual havia reflexão baseada em um indicador (*estratégico*) da dimensão *preocupação*, que foi gradativamente aprofundada, incluindo outro indicador (*prevendo*) e gerando mudanças narrativas. No momento da manifestação das demandas, João não consegue se planejar. Na 2ª sessão identifica o que gosta e o que não gosta e na 5ª sessão identifica o que gosta e inicia o planejamento do futuro.

Trilhas de exploração (dimensão curiosidade)

João coconstruiu três trilhas de exploração. A 1ª trilha foi focada no tema *carreira – concepção/planejamento* e coconstruída das demandas até a 10ª sessão durando todo processo de AC. Havia reflexão baseada em um indicador (*reconhecendo/descobrimdo*) da dimensão *curiosidade* que foi, gradativamente, dando lugar ao indicador em *desenvolvimento/em processo* em um processo de *reflexividade revisada*, na qual o desaparecimento de um indicador faz surgir outro, permitindo um novo olhar de uma dimensão específica. No momento das demandas, João não consegue se planejar. Na 1ª sessão ele coconstrói dúvidas sobre quem é como profissional e o que é uma carreira. Na 8ª sessão produz um plano de ação de carreira, e na 10ª sessão muda seu plano de ação de modo que possa se adaptar aos mais variados contextos, principalmente no trabalho que ele havia iniciado antes da 8ª sessão.

A 2ª trilha foi focada no tema *autoconhecimento – identidade/relações* e coconstruída da 2ª até a 7ª sessão, na qual um indicador (*reconhecendo/descobrimdo*) da dimensão *curiosidade* sofreu um aumento processual de reflexão com mudança narrativa em um processo de *reflexividade aumentada – tipo I*. Na 2ª sessão, João coconstrói dificuldades de explorar e se conhecer, que se mantém na 3ª sessão, mas com ampliação de elementos para a reflexão. Na 4ª sessão amplia o autoconhecimento com hipóteses sobre si, que se mantém na 5ª sessão, mas com questionamento se pode mudar. Na 6ª sessão, João constata a necessidade de exploração aprofundada e na 7ª sessão compreende sua forma de se relacionar e como lidar com as relações, se reconhecendo/descobrimdo de maneira aprofundada.

E, a 3ª trilha foi focada no tema *adaptação* e coconstruída ao final do processo de AC da 8ª até a 10ª sessão. Da mesma forma que na 2ª trilha, o indicador *em desenvolvimento/em processo* da dimensão *curiosidade* sofreu um aumento processual de reflexão com mudança

narrativa em um processo de *reflexividade aumentada – tipo I*. Na 8ª sessão, João constata a vivência do novo, e nas 9ª e 10ª sessões coconstrói um processo de adaptação em andamento.

Trilhas de responsabilização (dimensão controle)

João também coconstruiu três trilhas de responsabilização. A 1ª trilha foi focada no tema *autoconhecimento – identidade/relações* e durou quase todo processo de AC, indo da 1ª até a 9ª sessão. No processo, João passa da *falta de responsabilização* para indicadores *assertivo* e *autônomo* da dimensão *controle* em um processo de *reflexividade aumentada – tipo II*, na qual não há reflexão baseada em um indicador numa dimensão existente e ela é coconstruída ao longo do AC. Na 1ª sessão, foram coconstruídas narrativas de heteronomia total, reforçadas na 2ª sessão pela narrativa de dificuldade de controlar seus limites. Na 3ª sessão tem início a reflexão sobre a necessidade de controle dos seus limites (heteronomia), mas na 5ª sessão narrativas de dificuldade em fazer isto são coconstruídas. Na 6ª e 7ª sessões, João amplia a reflexão sobre a necessidade de controle dos seus limites passando da heteronomia para a autonomia, o que acontece na 10ª sessão com uma narrativa de controle e melhor manejo dos seus limites (autonomia), expressa nos seus relacionamentos sociais mais amplos, configurando um *reposicionamento social*.

A 2ª trilha foi focada no tema *construção relacional - segurança/confiança* e coconstruída da 4ª até a 10ª sessão. Como na 1ª trilha, houve uma *reflexividade aumentada – tipo II*, na qual não havia reflexão baseada em um indicador numa dimensão e ela é coconstruída. Nesse caso, da *falta de manejo das relações* para *atitude positiva, consciencioso* e *assertivo*. Na 4ª sessão, foram coconstruídas narrativas de insegurança nas relações, transformadas nas 8ª, 9ª e 10ª sessões para narrativas de lidar com as relações e aprimorar esta competência, sempre em processo de coconstrução, no qual outras/os contribuem para a mudança.

E, a 3ª trilha foi focada no tema *conquista – movimento/mudança* ocorrendo na segunda metade do AC da 6ª até a 7ª sessão. Da mesma forma que nas duas últimas trilhas, houve uma *reflexividade aumentada – tipo II* pela coconstrução de narrativas de mudanças e conquistas, passando da *falta de responsabilização* para indicadores *atitude positiva* e *assertivo*.

Com base no processo de mudança dos indicadores, João passa de *falta de responsabilização* sobre si e suas relações com o mundo para *assertivo, consciencioso* e *atitude positiva* (dimensão *controle*). Ele passa de um processo de *exploração* de

reconhecendo/descobrimo para em desenvolvimento/em processo (dimensão curiosidade), passa de falta de capacidade de realização para ser capaz (dimensão confiança) e, por último, o planejamento não sofre mudanças e se mantém estratégico (dimensão preocupação).

Em síntese, João inicia o AC com dificuldades de autonomia, responsabilização sobre si e suas relações e de capacidade de realização, experienciando uma situação de muita heteronomia e desconhecimento de si e do mundo geradora de suas narrativas saturadas e motivo de sua busca por um AC. Gradativamente, por meio das intervenções realizadas, João coconstrói inicialmente suas narrativas saturadas de heteronomia e incapacidade de ação e exploração, as desconstrói e pode reconstruí-las pela coconstrução gerada na relação com a orientadora. Isso resultou em assertividade nas relações, ampliação da exploração de si e do mundo e capacidade de realização e planejamento. João conclui o processo de AC com um plano de carreira baseado num autoconhecimento mais aprofundado de si, das relações e do mundo do trabalho, propiciando tanto movimentos de mudança, quanto de adaptação, tanto reflexividade (mudanças narrativas), como reposicionamento social (mudanças concretas).

Discussão

O AQuARRS se mostrou um instrumento eficaz de análise quali-quantitativa de intervenção em OPC, ampliando o conjunto de instrumentos de avaliação de intervenção disponíveis no Brasil que ainda são poucos (Ambiel et al., 2017; Bardagi & Albanaes, 2015), e reforçando a necessidade da avaliação de intervenção como um dos elementos centrais em uma OPC, como recomendaram Melo-Silva e Jacquemin (2001), Santos e Ribeiro (2021), Silva et al. (2022), Whiston et al. (2017) e Zelloth et al. (2020).

Em termos quantitativos, a análise realizada permitiu identificar e sistematizar os temas centrais da vida de João, destacando dois temas frequentes no AC (autoconhecimento e planejamento de carreira), que foram coconstruídos em 70% e 60%, respectivamente, durante o AC. E os temas específicos do orientando que produziam narrativas saturadas e, conseqüentemente, sua crise de carreira: a questão da relação autonomia-heteronomia (50%), a construção relacional (50%) e a adaptação (40%) – todos produções em relação, por isso demandam mudanças relacionais concretas que ocorrem objetivamente na vida social, ou seja, reposicionamento social (Hooley et al., 2021; Sultana, 2023; Winslade, 2005).

Por um lado, a análise quantitativa permitiu também identificar as principais dimensões da adaptabilidade prevalentes (controle e curiosidade, 108 e 102 vezes, respectivamente),

indicando que as *competências de responsabilização e exploração* eram as principais a serem desenvolvidas para superar a crise de carreira existente, como definida por Silva et al. (2020). Ainda possibilitou, através dos indicadores, visualizar os dois movimentos coconstruídos por João ao longo do AC. O primeiro movimento passando do indicador de *falta de controle* (30 vezes) concentrado na primeira metade do AC para *assertivo* (20 vezes), *conscencioso* (18 vezes) e *atitude positiva* (15 vezes) na segunda metade (associados a dimensão da adaptabilidade de *controle*) - vinculados ao tema central da *heteronomia* que governava sua vida com mudança gradativa para *autonomia*. E, o segundo movimento, passando de *reconhecendo/descobrimdo* (61 vezes) para *em desenvolvimento/em processo* (31 vezes) (associados a dimensão da adaptabilidade de *curiosidade*) – ligados ao tema central do *autoconhecimento* e da *construção de si*.

Importante destacar que o caso analisado tem uma particularidade, pois João estava realizando um processo seletivo para um emprego, sendo este seu plano de ação na carreira no momento do AC, o que fez com que a dimensão *preocupação* e a competência *planejamento* associada, não apresentassem um destaque tão grande quantitativamente.

Por outro lado, a análise qualitativa permitiu construir a trilha narrativa coconstruída por João, nomeando temas, identificando questões e visualizando mudanças, conferindo uma inteligibilidade científica e sistematizada para a análise do caso. Isso auxiliou na compreensão das narrativas coconstruídas ao longo do processo de AC e, igualmente, no planejamento das ações da orientadora e na avaliação da efetividade das intervenções realizadas, como sugeriu originalmente Di Fabio (2015).

As trilhas de construção da reflexividade a partir dos temas centrais e das dimensões, permitiram identificar o período em que ocorreram as coconstruções narrativas e o processo de transformação dos indicadores que denotaram as mudanças narrativas e de reposicionamento social de João, principalmente as *trilhas de exploração* (dimensão *curiosidade*) e de *responsabilização* (dimensão *controle*). O tipo de reflexividade associado auxilia na compreensão do que mudou e como o processo de mudança ocorreu, principalmente centrados na passagem da heteronomia para a autonomia e da incapacidade de ação nas suas relações e de exploração de si e do mundo para assertividade nas relações, ampliação da exploração de si e do mundo e capacidade de realização e planejamento.

Além disso, a avaliação do AQuARRS possibilitou, também, compreender tanto os movimentos de mudança, quanto de adaptação, realizados por João, deixando claro que

mudanças narrativas devem vir associadas com o reposicionamento social para serem efetivas, ou seja, a reflexão e a reflexividade na esfera narrativa devem vir acompanhadas de ação no mundo (esfera do reposicionamento objetivo), como recomendado por Hooley et al. (2021), Sultana (2023) e Winslade (2005). Da mesma forma, tanto processos de adaptação, quanto de mudança são necessários para lidar com as crises de carreira, enfatizando que a adaptabilidade é parte do processo e deve ser desenvolvida juntamente com a reflexividade e o reposicionamento social para, efetivamente, auxiliar pessoas de distintas características a enfrentar suas crises de carreira. João iria mudar de cidade e morar sozinho por conta do novo emprego, denotando reposicionamento social.

Nesse contexto, devemos destacar um ponto importante para a utilização desse instrumento. Como se trata de um instrumento baseado na codificação qualitativa das narrativas a partir do relato da/o orientanda/o, o trabalho de validação intersubjetiva se faz necessário para tornar o método científico (Stead et al., 2012; Zelloth et al., 2020). Assim, é um instrumento que demanda trabalho em equipe para codificação individualizada e posterior discussão para coconstrução de consenso das dimensões, indicadores, reflexividades e reposicionamentos sociais identificados. Em função disto, destacamos a necessidade de preparação das/os orientadoras/es para utilização do AQUARRS, tanto em termos teóricos-conceituais das práticas narrativas, quanto da condução de um AC narrativo e utilização do instrumento ao longo do processo. Chamamos também a atenção para a dimensão ética e atitudinal, no sentido de coconstruir uma estratégia de trabalho coletivo em equipe definida pelo diálogo e pela coconstrução, como propõem Hooley et al. (2021). Por fim, destacamos que o AQUARRS permitiu identificar e compreender processos de coconstrução da narrabilidade, adaptabilidade e reflexividade, constructos base do *life design* (Duarte et al., 2010), bem como a necessidade de incluir o constructo reposicionamento social (Hooley et al., 2021; Winslade, 2005).

Como principais limitações do estudo temos, a análise de um único caso, sugerindo que novos casos sejam igualmente analisados por meio do AQUARRS. A caracterização do participante que é mais próxima do perfil frequente das intervenções em OPC no Brasil (jovem, branco, classe média, com formação superior), e perfis diversos deveriam ser igualmente testados. E a análise do caso ter sido realizada por equipe fundamentada no construcionismo social, que é uma das possibilidades existentes de análise narrativa e outras propostas narrativas poderiam ser igualmente utilizadas para discutir semelhanças e diferenças.

Conclusões

Este estudo visou propor uma versão brasileira do LAQuA (Di Fabio, 2015) e experimentar e testar esse modelo narrativo de avaliação de intervenção, apontando e discutindo suas potencialidades numa intervenção de OPC no Brasil. A reconstrução do instrumento para as realidades brasileiras se mostrou necessária, adequada e pertinente com potencial para auxiliar orientadoras/es que estão trabalhando com propostas narrativas de AC. Reconstrução, pois alteramos vários elementos do instrumento, principalmente ao incluir um constructo não previsto na versão original do LAQuA que foi o reposicionamento social. Esta inclusão se fez necessária, pois, para muitas pessoas no Brasil, em função de desigualdades e desvantagens de variadas ordens e intensidades, as mudanças narrativas são importantes resultados de uma intervenção em OPC. Ainda assim, são insuficientes para populações com restrições e barreiras socioeconômicas e culturais severas que demandam mudanças concretas. Estas populações constituem a maioria da população brasileira e devem ser consideradas nas propostas de OPC.

A versão brasileira do LAQuA ficou nomeado como AQuARRS (Avaliação Quali-Quanti da Adaptabilidade, Reflexividade e Reposicionamento Social). Incluímos reflexividade e reposicionamento social no nome do instrumento, pois cremos que elas são tão centrais quanto adaptabilidade para a avaliação de intervenção proposta, assim como a dimensão quantitativa.

Em termos das potencialidades, em primeiro lugar, um instrumento estruturado de avaliação de intervenção permite validar as significações e conclusões sobre o andamento do AC, auxiliando, de modo científico, a compreensão, a própria intervenção durante o AC e o planejamento de cada sessão com a aferição de sua eficácia e eficiência em termos dos objetivos postulados e dos resultados esperados com a intervenção realizada. Em segundo lugar, a avaliação de intervenção com base na coconstrução narrativa se mostrou ser uma estratégia significativa, principalmente para aquelas/es que trabalham de modo qualitativo e desejam realizar análises desta maneira. E, em terceiro lugar, a disponibilização de um novo instrumento de avaliação de intervenção em OPC no Brasil, baseado em uma coconstrução narrativa analisada quali e quantitativamente, pode somar aos instrumentos quantitativos psicométricos e às avaliações qualitativas pouco validadas cientificamente existentes, ampliando opções.

Assim, disponibilizamos duas novidades no contexto brasileiro: *ampliação da avaliação de intervenção sistemática em OPC*, que não é uma prática frequente no Brasil, e *a partir de uma avaliação quali-quantitativa*, com base nas narrativas coconstruídas na relação orientando-orientadora no AC, acompanhando uma das tendências internacionais em OPC que

é o movimento narrativo, ainda incipiente na realidade brasileira. Com os resultados descritos aqui, podemos concluir, portanto, que o AQuARRS tem potencial como instrumento narrativo quali-quantitativo de avaliação de intervenção em OPC. No entanto, sua utilidade prática ainda deve ser testada em variados contextos de intervenção com públicos diversos, seja em processos individuais de OPC, seja em intervenções institucionais (e.g., escolas e universidades).

Agradecimentos

Apoio financeiro da Bolsa Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Processo nº 307050/2021-1).

Referências

- Ambiel, R. A. M., Barros, L. O., Pereira, E. C., Tofoli, L., & Bacan, A. (2017). Avaliação de processos de orientação profissional e de carreira: Problemas e possibilidades. *Avaliação Psicológica*, 16(2), 128-136. <https://doi.org/10.15689/AP.2017.1602.02>
- Arnett, J. J. (2016). Does emerging adulthood theory apply across social classes? *Emerging Adulthood*, 4(4), 227-235. <http://doi.org/10.1177/2167696815613000>
- Bangali M., & Guichard, J. (2012). The role of dialogic processes in designing career expectations. *Journal of Vocational Behavior*, 81(2), 183-190. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2012.06.006>
- Bardagi, M. P., & Albanaes, P. (2015). Avaliação de intervenções vocacionais no Brasil: Uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 123-135. <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203046164004.pdf>
- Crossley, M. L. (2002). *Narrative, memory and life transitions*. University of Huddersfield.
- Di Fabio, A. (2015). Life Adaptability Qualitative Assessment (LAQuA): A narrative instrument for evaluating counseling intervention effectiveness. In K. Maree & A. Di Fabio (Eds.), *Exploring new horizons in career counseling* (pp. 43-61). Sense.
- Di Fabio, A. (2016). Life Design and Career Counseling Innovative Outcomes (CCIO). *The Career Development Quarterly*, 64, 35-48. <https://doi.org/10.1002/cdq.12039>
- Duarte, M. E., Lassance, M. C. P., Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J.-P., Guichard, J., Soresi, S., van Esbroeck, R., & van Vianen, A. E. M. (2010). A construção da vida: Um novo paradigma para entender a carreira no século XXI. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(2), 392-406. <https://www.redalyc.org/pdf/284/28420641020.pdf>

- Guichard, J. (2022). From career guidance to designing lives acting for fair and sustainable development. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 22, 581-601. <https://doi.org/10.1007/s10775-022-09530-6>
- Hooley, T., Sultana, R. G., & Thomsen, R. (2021). Five signposts to a socially just approach to career guidance. *Journal of the National Institute for Career Education and Counselling*, 47, 59-66. <https://doi.org/10.20856/jnicec.4709>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Larsen, D., Flesaker, K., & Stege, R. (2008). Qualitative interviewing using Interpersonal Process Recall. *International Journal of Qualitative Methods*, 7(1), 18-37. <https://doi.org/10.1177/160940690800700102>
- Lassance, M. C. P., Silveira, A. A., & Oliveira, M. Z. (2022). *Investigação e práticas em orientação de carreira*. Associação Brasileira de Orientação Profissional.
- Melo-Silva, L. L., & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em orientação vocacional/profissional: Avaliando resultados e processos*. Vetor.
- Neiva, K. M. (1999). *Escala de Maturidade para a Escolha Profissional*. Vetor.
- Reh fuss, M. C. (2009). The Future Career Autobiography. *The Career Development Quarterly*, 58(1), 82-90. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.2009.tb00177.x>
- Ribeiro, M. A. (2023a). Orientação Profissional e de Carreira (OPC): Trajetória e projeto – Da tradição à inovação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 24(2), 125-136. <http://doi.org/10.26707/1984-7270/2023v24n0202>
- Ribeiro, M. A. (2023b). Importância do estudo das construções de carreira de adultos(as) emergentes no pós-pandemia. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 26, e-191447. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.cpst.2023.191447>
- Santos, A. R. D., & Ribeiro, M. A. (2021). Revisão integrativa: Avaliação de intervenções em orientação profissional e de carreira com adultos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 22(2), 109-121. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2021v22n201>
- Savickas, M. L., & Porfeli, E. J. (2012). Career Adapt-Abilities Scale. *Journal of Vocational Behavior*, 80(3), 661-673. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2012.01.011>
- Silva, C. S. C., Teixeira, M. A. P., Cardoso, P., Fernández-Navarro, P., Gonçalves, M. M., & Duarte, M. E. (2020). Innovative moments and narrative change in career counselling: A

- case study. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 20, 635-652. <https://doi.org/10.1007/s10775-020-09422-7>
- Silva, R. M. D., Luna, I. N., & Cardoso, P. M. D. S. (2022). Avaliação de intervenções de carreira com adultos: Revisão integrativa de literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 23(1), 79-90. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2022v23n207>
- Spokane, A. R., & Nguyen, D. (2016). Progress and prospects in the evaluation of career assistance. *Journal of Career Assessment*, 24(1), 3-25. <https://doi.org/10.1177/1069072715579665>
- Stead, G. B., Perry, J. C., Munka, L. M., Bonnett, H. R., Shiban, A. P., & Care, E. (2012). Qualitative research in career development. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 12, 105-122. <https://doi.org/10.1007/S10775-011-9196-1>
- Sultana, R. G. (2023). For a postcolonial turn in career guidance: The dialectic between universalisms and localisms. *British Journal of Guidance & Counselling*, 51(2), 262-273. <https://doi.org/10.1080/03069885.2020.1837727>
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., Lassance, M. C. P., Magalhães, M. O., & Duarte, M. E. (2012). Career Adapt-Abilities Scale - Brazilian form. *Journal of Vocational Behavior*, 80(3), 680-685. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2012.01.007>
- Vyas, L. (2022). “New normal” at work in a post-COVID world. *Police and Society*, 41, 155-167. <https://doi.org/10.1093/polsoc/puab011>
- Whiston, S. C., Yue Li, N. G. M., & Wright, L. (2017). Effectiveness of career choice interventions: A meta-analytic replication and extension. *Journal of Vocational Behavior*, 100, 175-184. <http://doi.org/10.1016/j.jvb.2017.03.010>
- Winslade, J. (2005). Utilising discursive positioning in counseling. *British Journal for Guidance and Counselling*, 33(3), 351-364. <https://doi.org/10.1080/03069880500179541>
- Zelloth, H., Kadletz, F., & Andrei, A. (2020). *International trends and innovation in career guidance* (Vol. 1., Thematic chapters). European Training Foundation.